

SECRETARIA REGIONAL DA AGRICULTURA E PESCAS

informação agrícola

EDIÇÃO DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS DA ILHA DE S. MIGUEL

N.º 3 — DEZEMBRO DE 1979

sumário

-  DESEJOS DE UM
BOM ANO
AGRÍCOLA
PAG. 1
-  ACERCA DA
PROLIFERAÇÃO
DE PARDAIS
NA REGIÃO
PAG. 2
-  A SEGURANÇA
NO TRABALHO
AGRÍCOLA
PAG. 3
-  MONDA
QUÍMICA
PAG. 4
-  APROVEITAMENTO
HIDRO AGRÍCOLA
DA RIBEIRA
GRANDE
PAG. 5
-  FOMENTO DA
APICULTURA
PAG. 6
-  CONCLUSÕES
PAG. 7
-  NOTÍCIAS
CONSELHOS
E CURIOSIDADES
AGRÍCOLAS
PAG. 8

**DISTRIBUIÇÃO
GRATUÍTA**

AO SERVIÇO DA
AGRO-PECUÁRIA

ACERCA DA PROLIFERAÇÃO DE PARDAIS NA REGIÃO

O desenvolvimento do pardal na Região Açores, sobretudo nalgumas ilhas do Arquipélago, é já um problema alarmante, porquanto, os prejuízos causados por esta ave são avultados e o seu combate, de difícil execução.

Segundo uma Informação prestada à Secretaria Regional da Agricultura e Pescas por técnicos do Laboratório de Ecologia Aplicada do Instituto Universitário dos Açores... «actualmente o problema é crítico em 3 Ilhas: Terceira, Graciosa e recentemente o Faial. O pardal existe também em São Jorge, Pico, Santa Maria e São Miguel, onde dentro de poucos anos causará graves problemas à agricultura».

E mais adiante, diz a Informação atrás citada: — «Actualmente (os pardais) constroem os ninhos somente em edifícios. Cada proprietário de edifícios (público ou privado) devia impedir a nidificação desta espécie, mesmo se não é afectado pelos problemas da agricultura. (destruição dos ninhos uma vez por mês, tapar os buracos existentes nas



paredes, falsas, telhados, etc.) isto em todas as Ilhas».

Afim de elucidarmos melhor os nossos leitores e os alertarmos para este problema da proliferação do Pardal nestas ilhas, deslocámo-nos ao Laboratório da Ecologia Aplicada do Instituto Universitário dos Açores, onde fomos amavelmente recebidos pelo Engenheiro Técnico Agrário Duarte Manuel do Couto Soares Furtado, com quem mantivemos o seguinte diálogo:

I.A. — Poderá dizer-nos, em termos gerais, o que é o pardal?

D.F. — Muito se tem dito e muito se tem escrito sobre o pardal, mas pouco se tem feito para evitar-se a crescente ameaça do mesmo.

O pardal, também conhecido por pardal-ladrão (*Passer domesticus*) como o próprio nome indica, é uma ave das aldeias, vilas e cidades, que proliferando por toda a parte, acaba por ser uma praga para a agricultura.

O macho é bastante resplandecente quando a sua plumagem está desenvolvida. Quando muda de pena, os machos adquirem um vestuário de um tom castanho mais claro, e o peitilho preto é tapado pelas extremidades claras das penas e as partes cinzentas e castanho-fígado da cabeça quase tomam

um tom avermelhado. As extremidades acabam por se desgastarem, adquirindo então as aves um tom mais brilhante no começo do Verão.

O seu canto é um chilreio de monótonos «chip» «chep» ou «chirp». Quando em voo, soa por vezes um «tvit». Faz o ninho em cavidades de diferentes tipos, especialmente e de



preferência por baixo das telhas, ou em casas velhas e abandonadas. Um casal pode reproduzir de 2 em 2 meses ao longo de todo o ano, o que representa um aumento constante da espécie.

Alimenta-se de sementes e insectos. É abundante em todo o mundo, constituindo uma ameaça para todos quantos trabalham e vivem da agricultura.

I.A. — Qual a dimensão real do desenvolvimento do pardal na Região?

D.F. — A dimensão real do desenvolvimento do pardal na Região é alarmante, especialmente nas ilhas do Grupo Central, com maior incidência na Ilha Terceira. Posso mesmo afirmar que nessa Ilha toda a orla costeira até cerca de 300 metros de altitude está completamente infestada, chegando ao ponto de o pardal ser dono do território em toda aquela área, causando prejuízos de enorme monta.

Na ilha de S.Miguel, (como pode ser observado no mapa anexo), a invasão começou por volta do mês de Maio de 1977, tendo o pardal, provavelmente, entrado na freguesia dos Mosteiros (talvez arrastado pelos ventos, ou introduzido por alguém) e daí começou o seu alastramento às outras freguesias vizinhas. Em Agosto de 1978 tive oportunidade de observar vários casais em

(Conclui na 7.ª página)

ACERCA DA PROLIFERAÇÃO DE PARDAIS NA REGIÃO

(Conclusão da 2.ª página)

Água d'Alto e Vila Franca do Campo, o que demonstra bem que a sua propagação aumenta dia a dia, tornando-se actualmente uma ameaça quase total. Nas Ilhas das Flores e do Corvo, em Julho de 1978, não existiam ainda pardais.

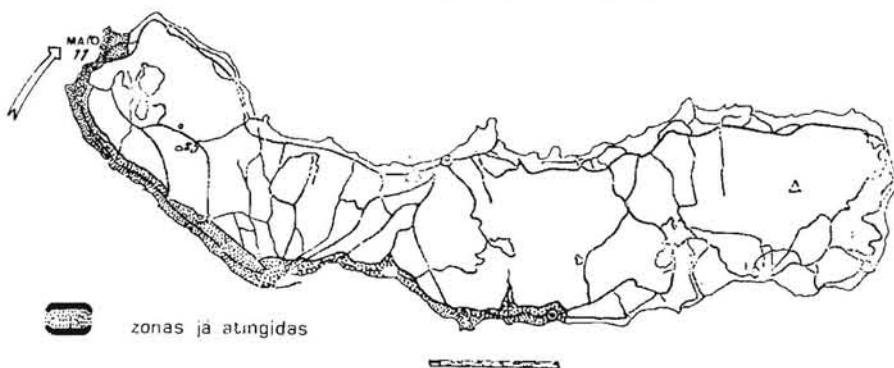
I.A. — Segundo a Secretaria Regional da Agricultura e Pescas, deslocou-se aos Açores, a convite deste Laboratório de Ecologia, um grupo de técnicos franceses, para estudarem o assunto. Como surgiu a vinda desses técnicos?

D.F. — Posso dizer-lhe, desde já, que não surgiu nenhuma vinda de técnicos franceses aos Açores, mas sim a deslocação de dois elementos deste Laboratório de Ecologia à Ilha Terceira em 10 de Fevereiro de 1978, o Dr. Gerald Le Grand, que é francês, e eu próprio, para ali efectuarmos uma primeira avaliação da expansão do pardal. Mais tarde, tivemos oportunidade de responder a uma nota oficiosa da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas, sobre o combate ao pardal e ao tentilhão (Inf. 59/LEA/78 de 20/3/78) e das medidas imediatas a ter-se em conta a fim de se evitar a propagação de tal praga uma vez que são enormes os prejuízos causados por aquela ave, especialmente no Grupo Central do Arquipélago. Quanto ao tentilhão, creio, de momento, não ser preocupação a sua propagação, uma vez que, e até certo ponto, esta ave pode ser considerada benéfica, pois, insectívora que é, contribui para a destruição de larvas de imensas espécies, entre as quais as «lagartas das pastagens» evitando o aumento destas na Região.

I.A. — Quais as medidas de combate que preconiza a fim de se evitar o contínuo crescimento da densidade do pardal na Região?

Dever-se-á proceder à sua baixa de densidade populacional, lenta e eficazmente, isto é, destruindo os ninhos edificadas nos telhados das casas.

INVASÃO DA ILHA DE S. MIGUEL PELO PARDAL



D.F. — Há algum tempo atrás, informamos das possibilidades de combate ao pardal a fim de reduzir o seu número crescente, isto em especial na Ilha Terceira. Uma vez que está posta de lado a sua completa exterminação, há que evitar o aumento da sua densidade. A utilização do «combate químico» contra o pardal não é de aconselhar uma vez que poria em perigo a sobrevivência das restantes espécies destas ilhas.

Poder-se-á, também, incentivar a substituição do canário (*Serinus serinus*) pelo pardal (*Passer domesticus*) para fins de alimentação (caso do primeiro que é utilizado como petisco em determinadas zonas do Arquipélago, em vez de se matarem toutinegras (*Sylvia atricapilla*), tentilhões (*Fringilla coelebs*) e outros passeriformes úteis ao equilíbrio bioecológico da Região.

Creio, de momento, serem estas as maneiras mais viáveis de se combater o pardal, evitando o uso indiscriminado de pesticidas que tanto prejudicam o Meio Ambiente e a Natureza.

Reportagem de José de Oliveira Rodrigues
Eng.º Tec.º Agr.º